

MUSEU NACIONAL

COREM 2R

MUSEOLOGIA : VIVÊNCIAS

RJ/MG/ES

VOLUME V

.....
Publicação
comemorativa ao
Museu Nacional



CONSELHO REGIONAL DE MUSEOLOGIA

Criado pe Lei 7.287, de 18.12.1984

Regulamentado pelo Decreto n.º 91.775, de 15.10.1985

DIRETORIA 2018

Presidente

Vivian Fava Paternot (0749-I)

Vice-presidente

Felipe Pereira Roque Farias (0792-I)

1^a Secretária

Tamine Gesualdi de Andrade (0896-I)

2^a Secretária

Elaine de Souza Carrilho (0442-I)

Tesoureira

Ana Carolina Maciel Vieira (0843-I)

Comissão de Ética, Fiscalização e Registro

Vania Carvalho dos Santos (0324-I)

Michelly Bessa Castanheira (1007-I)

Marcella Faustino Fernandes Bacha (0996-I)

Elaine de Souza Carrilho (0442-I)

Comissão de Tomada de Contas

Ingrid Fiorante (0869-)

Felipe Pereira Roque Farias (0792-I)

Tamine Gesualdi de Andrade (0896-I)

Comissão de Informação e Divulgação

Mariana Silva Santana (0765-I)

Raquel de Andrade Machado (1026-I)

Victor Pinheiro Louvisi (0791-I)

Delegacia em Minas Gerais

Carlos Augusto Ribeiro Jotta (0930-I)

COORDENAÇÃO GERAL

Plenária do COREM 2R

ORGANIZAÇÃO

Mariana Santana

PROJETO GRÁFICO

Lola Vaz

ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Raquel Villagrán

* Agradecimento especial à Museóloga Raquel Villagran Reimão Mello Seoane (COREM 2R. 0968-I), por realizar o trabalho de adaptação de projeto gráfico e diagramação deste e-book de maneira voluntária. Na impossibilidade de contribuir sendo Conselheira, a museóloga encontrou esta maneira de ajudar na manutenção do nosso Conselho.

Raquel, receba nosso muito obrigado!


COREM 2R

MUSEOLOGIA : VIVÊNCIAS

RJ/MG/ES

VOLUME V

1^a ed. dez / 2018



“Compete ao museólogo dignificar a profissão a que pertence com seu mais alto título de honra, tendo em vista a elevação moral e profissional da classe, reconhecida através de seus atos.”

Código de Ética do Museólogo
Artigo 2.º
Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1992.

APRESENTAÇÃO

Em comemoração ao Dia do Museólogo, celebrado neste 18 de dezembro de 2018, o Conselho Regional de Museologia 2ª Região (COREM 2R) lança a quinta edição do livro eletrônico (e-book) “Museologia: vivências”, uma edição especial em homenagem ao Museu Nacional, com depoimentos de museólogos e museólogas que tiveram a oportunidade de atuar neste Museu.

No mesmo ano em que lembramos o surgimento do primeiro museu brasileiro e festejamos os 200 anos do Museu Nacional, presenciamos também o majestoso edifício da Quinta da Boa Vista ruir em chamas, devastando com o fogo o patrimônio museológico coletado e preservado por esta instituição ao longo de duas centenas de anos.

Encontramos nesta iniciativa uma maneira de prestar reverência a este Museu, fazendo ecoar através das palavras destes poucos depoentes a voz de todos os museólogos que, assim como nós, também colecionam memórias emocionadas e se sentem indignados com o descaso que possibilitou tal tragédia.

Nas páginas a seguir, você encontrará relatos acerca do que a escolha da profissão de museólogo representou na vida dessas pessoas e que futuro veem para ela, permeados pela presença do Museu Nacional na trajetória desses profissionais.

Boa leitura!

Celebrar os 200 anos da presença contínua de museus no Brasil, neste ano em que o Museu da Quinta da Boa Vista (como é carinhosamente tratado pelos brasileiros), a mais antiga instituição científica do Brasil voltada à pesquisa e à memória da produção do conhecimento, era para ser motivo de uma grande festa, mas foi interrompida naquela noite trágica, com o incêndio que devastou seu prédio e a maior parte de seu valiosíssimo acervo, testemunho da história brasileira e da humanidade... Mas porquê, logo o Museu Nacional, no ano do seu bicentenário? Sabemos que a segurança do prédio e do acervo eram motivo de preocupação dos pesquisadores, antigos diretores, e principalmente, dos museólogos que lá trabalham (mas pouquíssimas vezes ouvidos...), cujos relatórios arderam no incêndio. Tivessem os recursos chegado a tempo e à hora - ao longo de sua vida, como seria responsável acontecer, certamente não teríamos vivido essa tragédia. Os recursos financeiros são necessários e o trabalho de preservação nas instituições museológicas é oneroso, e não fica evidente; é realizado na maior parte do tempo na prevenção. Ele não está sob a luz dos holofotes! Essa lição deve ser aprendida pelos ordenadores da verba pública brasileira para que tragédias como a do Museu Nacional não aconteçam novamente, e, para que não se perca nada, numa noite só, os recursos solicitados pelos museus precisam ser atendidos.

Essa data será, para sempre, marcada por uma dicotomia, com a qual, certamente, convivemos todos os dias, mas no dia 02 de setembro nós a vivemos de forma cruel: vida e morte! O Museu Nacional foi, para muitos brasileiros, o primeiro museu visitado em suas vidas. Muitos dos que o visitaram, nas viagens feitas ao Rio, ou através das visitas escolares, ou ainda, pelos piqueniques das famílias aos domingos na Quinta da Boa Vista, hão de guardar em suas memórias o que mais gostavam de ver em cada visita que lhe faziam: o meteorito Bendegó, o esqueleto do dinossauro, da baleia e da Luzia, a mais antiga moradora do Brasil!

Mas, o mais importante é que o MUSEU NACIONAL vive! VIVE em cada um de nós. Tudo o que ele produziu ao longo da sua trajetória está preservado nas inúmeras publicações disseminadas no Brasil e no mundo. Nas primeiras horas e nos dias seguintes ao incêndio, uma rede de solidariedade se formou. Os moradores da Quinta e arredores entregaram ao Museu cartas de amor a ele e fragmentos de textos levados pelo vento, naquela noite. Diversos museólogos, estudantes de museologia e professores correram ao museu para, junto aos museólogos de lá, ajudar no que fosse possível... Do mundo inteiro chegaram propostas de ajuda para a reconstrução do museu, principalmente para a renovação de seu acervo. Ainda há muita riqueza no acervo que não foi atingido pelo incêndio a ser apresentada e, como disse seu diretor, será outro museu nacional, mas a capacidade de produzir conhecimento não morreu no incêndio. É VERDADE!

Museu Nacional, vamos fazer um pacto! Agora que você está se reerguendo não se esqueça de nos incluir totalmente na sua reconstrução. Nós, museólogos, somos e estamos habilitados a cuidar da sua segurança. Podemos, juntamente com a toda a equipe do museu, cuidar da sua documentação, produzir conhecimento sobre o público que o visita e programarmos ações que contribuirão para fazer de você um grande museu novamente! Integrando as equipes que planejarão as próximas exposições, podemos contribuir para transformar o conhecimento produzido pelos cientistas da instituição, numa grande aventura pelo mundo da ciência tornado-a mais próxima do cidadão e ajudando, inclusive, a despertar novos e futuros pesquisadores para o Museu Nacional! Conte conosco sempre!

**CONSELHO FEDERAL
DE MUSEOLOGIA**

200 anos de museus no Brasil, 200 anos de Museu Nacional. O ano de 2018 começou com grandes comemorações por vir, mas infelizmente foram as tragédias que acabaram por marcar esse ano que deveria ter sido, tão somente, de celebrações. O incêndio do MN no dia 02 de setembro deixou todos nós de luto. Uma fatalidade anunciada, de grandes proporções e com perdas inestimáveis para a nossa sociedade. Apenas uma semana após o triste ocorrido, somos surpreendidos pelo anúncio das medidas provisórias 850 e 851/2018 que preveem o fim do IBRAM e a criação da ABRA. Uma medida arbitrária, desenvolvida sem consulta pública e sem o envolvimento dos profissionais da área.

A dor do luto presente nesse triste evento se transformou na força da luta. Luta contra novos desastres, pela museologia, pela cultura, pelas instituições, contra as M.P's 850 e 851/2018, pela democracia. Esse infortúnio nos uniu e mostrou que juntos somos mais fortes.

Este e-book não é apenas uma homenagem por tudo que o MN significa como instituição museológica e científica, é também uma forma de reminiscência, de luta e resistência. O COREM 2R se coloca à disposição para apoio e parceira nessa jornada de reestruturação, tão importante para a permanência da nossa história. Desejamos aos museólogos que nunca desistam, pois os dias melhores virão através da nossa união, luta e resistência.

CONSELHO REGIONAL DE MUSEOLOGIA - 2^a REGIÃO



ALINE ROCHA

Meu primeiro contato com a Museologia foi através de uma matéria publicada na Folha Dirigida intitulada “Museólogo: ampla formação”, onde Mara Regina Leite, museóloga do Museu Nacional (MN), era a entrevistada. Foi essa possibilidade de ter contato com diferentes áreas do conhecimento que me seduziu no curso e na profissão. Ainda na graduação, a pesquisa relacionada ao Patrimônio Geológico tornou possível conhecer o maravilhoso acervo de fósseis do Museu Nacional (MN). Em minha atuação como museóloga do Museu da Geodiversidade (IGEO/UFRJ), pude participar de projetos com diferentes setores do MN, e trabalhar pelo fortalecimento dos museus da UFRJ, através do Sistema Integrado de Museus, Acervos e Patrimônio da UFRJ (GT SIMAP). Com a Seção de Atendimento ao Ensino, o vínculo se estreitou pela afinidade entre as práticas educativas desenvolvidas e pelo comprometimento com a pauta da acessibilidade e da inclusão em nossos espaços. Nossa parceria foi laureada com o Curso de Especialização em Acessibilidade Cultural (UFRJ), onde o Museu Nacional se tornou o museu-escola da turma de 2018 e aprofundou ainda mais a relação de afeto com o nosso gigante, como costumamos chamá-lo. Ainda não se sabe ao certo o que será possível recuperar do seu acervo, mas o Museu Nacional continua vivo na nossa memória afetiva e nos relacionamentos construídos entre os profissionais que se dedicam por ele e pelos museus brasileiros.



AMANDA CAVALCANTI

Eu sempre fui uma criança fascinada por objetos que contavam histórias. Deve ser por isso que, aos 5 anos de idade, folheando uma publicação, apontei para um fóssil e decidi que queria trabalhar com aquilo. Com os anos, o interesse por diferentes culturas e objetos só crescia. Foi aos meus 15 anos, com o Guia do Estudante, que eu descobri a Museologia: paixão à primeira vista. No Vestibular, passei em primeiro lugar para a turma de 2012.1. Ao longo desses seis anos, tive a chance de ser orientanda do Prof. Dr. Ivan Coelho de Sá no projeto de Recuperação da Memória da Museologia no Brasil, estagiar no MNBA, atuar com catalogação e pesquisa na Irmandade da Candelária e cursar um mestrado no PPGAV/ EBA/ UFRJ. Finalmente, em 2018, prestei concurso para a UFRJ, sendo convocada para trabalhar no Museu Nacional, primeira instituição museológica que visitei na vida. Eu entrei na museologia para poder ter acesso a peças que eu achava valiosas, em uma dimensão egoísta, e foi só após ingressar no curso que eu pude entender sua dimensão social. Hoje em dia, isso é o que mais me motiva: saber que meu trabalho transforma a vida de outras pessoas. Isto é o que eu vejo de positivo ao vislumbrar o futuro: que defendamos o lugar da museologia por seu potencial enquanto difusora de conhecimentos e como agente de diálogo entre o patrimônio, as ciências e a sociedade.



ANDREA PIRES

Aos 18 anos no pré-vestibular, almejava o curso de História, mas quando li sobre a Museologia na UNIRIO e as disciplinas mudei de opinião. Iniciei o curso de Museologia com dúvidas sobre o futuro e o mercado de trabalho. No primeiro ano na universidade iniciei o estágio voluntário no Museu Histórico Nacional. Fiz estágio curricular no Museu Nacional/UFRJ - Setor de Etnologia, onde trabalhei por alguns anos e tive a oportunidade de conhecer a diversidade e a riqueza das coleções etnográficas indígenas, regionais e estrangeiras. participei do processo de revitalização da reserva técnica, da troca de mobiliário o que proporcionou uma experiência ímpar, fui bolsista de pesquisa do CNPq e participei de atividades de divulgação científica. Assisti defesas de dissertações e teses. Um Museu que exalava saber e conhecimento, onde jovens como eu, tinham a oportunidade de conviver com coleções únicas e pesquisadores que dedicavam suas vidas ao estudo e conservação dos objetos. Ao ver a imagem do incêndio desta instituição vi parte da minha vida sendo destruída, pois muito do que sou e desenvolvo como museóloga apendi neste museu. A vivência obtida abriu portas em importantes museus e empresas privadas. Hoje tenho certeza que escolhi o curso certo e vejo a profissão de museólogo com diversas oportunidades para trabalhar em qualquer lugar do mundo.

● COREM 2R 0784-I



EDUARDO LACERDA

De início, a Museologia foi uma descoberta. Conheci o curso pouco antes da minha inscrição no ENEM e achei uma das melhores opções, já que abrangia vários dos meus interesses. Felizmente, passei e fiquei no curso, o que me possibilitou conhecer as diversas áreas que compõem o trabalho em museus e com patrimônios. Entrar para o Museu Nacional significou fazer parte desse trabalho e a possibilidade de crescimento através do contato com um dos acervos mais representativos do país e do conhecimento gerado a partir dele. O Museu mesmo após o desastre, me proporcionou aprendizados e oportunidades dentro da museologia. Para o futuro desta, em curto prazo, vejo uma provável dificuldade para a área, e toda a cultura de forma geral, em função da nossa atual situação política e econômica; porém, em longo prazo, principalmente com o apelo da perda sofrida pelo Museu Nacional, vejo os museus ganhando cada vez mais importância para a população.

● COREM 2R 1155-I



MARCO AURÉLIO CALDAS

Conheci a museologia quando ainda era servidor da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, na década de 1980. Trabalhei - Ainda estudante da graduação - no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, onde tive o privilégio de conviver com colegas da Seção de Iconografia dedicados à preservação da memória da Cidade de Rio de Janeiro. Ali foi a verdadeira escola para mim.

Passados alguns anos, afastado da museologia e atuando no magistério - sou professor de História - retornei à museologia, ao prestar concurso em 2008, para o cargo de museólogo da UFRJ. Tomei posse em fevereiro de 2010, e fui designado para trabalhar na Seção de Museologia do Museu Nacional, assumindo a chefia do setor em 2011 (pela qual ainda respondo atualmente). No museu encontrei uma equipe excepcional de museólogos e colegas de outras áreas, que sempre trabalharam com um amor incondicional à instituição! Participei de todos os projetos do setor, o que torna muito difícil para mim, falar do MN depois do incêndio que consumiu o Palácio e todo o seu acervo este ano. Foram anos de trabalhos, sonhos e projetos que ficaram na memória de todos a equipe do SEMU (como carinhosamente nos referimos à Seção de Museologia). Mas, sabemos que um novo museu irá surgir das cinzas do antigo. Nossa missão ainda não terminou. Ao contrário, ela está apenas começando. Novos museólogos estão chegando ao museu, e já surgiram novos projetos e desafios para o futuro do Museu Nacional.

● COREM 2R 0390-I



MOANA SOTO

Comecei a me tornar museóloga com cerca de seis anos, quando estive pela primeira vez em um museu. Curiosamente, foi no Museu Nacional. Uma visita realmente marcante. Recordo-me perfeitamente daquele dia. Estava tão apavorada por ter de entrar na sala da coleção egípcia, que perdi os sentidos e desmaiei. Muitos anos depois, voltando lá para trabalhar, descobri que tenho fobia de rostos ocultos e acabei assim por desenvolver uma relação familiar com aquelas múmias, identificando um rosto - e diria até mesmo uma "identidade" - em cada uma delas. Essas memórias afetivas são comuns no Museu Nacional. Inclusive, lembro-me de um menino que veio me perguntar onde estava a baleia, pois sua avó tinha visitado o museu quando criança e tinha dito a ele que era a maior do mundo. Acho que muita gente pensa isso! Eu mesma em criança também pensava assim. Mas, não me preocupei em corrigi-lo, pois o que o menino buscava não eram apenas informações, dados científicos sobre aquele objeto. O que ele desejava era ter a mesma experiência da avó e compartilhar aquele momento com ela, era uma questão afetiva. O trabalho de divulgação científica acontece mediado exatamente por essa afetividade. É desta forma que os objetos têm seu valor reconhecido, ganham sentido, significado, ganham vida. Esse é um dos papéis fundamentais dos museus na sociedade. E é assim que nasce um biólogo, um paleontólogo, um geólogo, um arqueólogo... E, no meu caso, nasceu uma museóloga! Ou, talvez tenha sido a pancada na cabeça, não sei.

● COREM 2R 0884-III



RACHEL CORRÊA LIMA

Minha relação com a museologia começou ainda menina nos anos 70, quando passava o dia no atelier de meu bisavô, que era escultor. Aquele universo me fascinava. Todo mês ele me entregava a mesada em um envelope escrito “para a zeladora do museu”. Ao ingressar na faculdade de museologia a paixão foi imediata, havia descoberto minha real vocação. Me dediquei principalmente a conservação/restauração de suportes informacionais, trabalhando em instituições como o Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro, o Arquivo Nacional, o Núcleo de Pesquisa e Documentação da FAU/UFRJ, no curso de graduação tecnológica de conservação e restauro da Estácio, no CEDIM em cursos de capacitação profissional, entre outros. Em 2008, através de concurso para o cargo de museóloga cheguei ao Museu Nacional. O que mais me fascinava era a diversidade do acervo e as possibilidades de pesquisa. Apesar da tragédia do incêndio, devemos pensar que não é o fim, uma vez que novas perspectivas e experiências se apresentam e através do trabalho de resgate novos campos de pesquisa se abrem.


● COREM 2R 0484-I



THAIS MAYUMI

Eu escolhi ser Museóloga dentro do Museu Nacional/UFRJ. Aos 15 anos, numa parceria do Colégio Pedro II, fiz estágio na Seção de Museologia do MN. Pude acompanhar profissionais de museologia, participar da rotina da profissão e vivenciar as dificuldades e alegrias de trabalhar no maior museu do país. Fui cursar museologia e voltei como museóloga do Museu Nacional, aos 25 anos. A museologia me proporcionou as mais diversas experiências. Montagens de exposição, atividades de conservação e documentação, pesquisas, os desafios de gestão, o contato com o público, as ações de comunicação. Mas acima de tudo, me permitiu conhecer (e contar!) muitas histórias, que cada objeto, cada cultura e cada pessoa podem guardar. O profissional de museologia é peça-chave nessas instituições multidisciplinares, pois é aquele que conhece afundo a natureza dos museus e os processos museológicos. Após o devastador incêndio do museu, nós entendemos e defendemos que um museu não se limita a um palácio. Um museu é feito por pessoas e para pessoas, e nós seguimos! Apesar de todas as dificuldades de trabalhar com cultura, ciência e educação no Brasil, o Museu Nacional Vive e viverá por muitos 200 anos mais!

● COREM 2R 0906-I



REALIZAÇÃO

COREM
RJ • MG • ES

dez / 2018